



Terra,



❖ *Cumprindo o mandato popular* ❖

Sinto que os nossos poderes vieram da mesma fonte, que foi a soberania popular, verdadeiramente exercida pelos nossos concidadãos, independentes e livres de quaesquer injuncções falseadoras da pureza e moralidade do regimen republicano. Tão nobre identidade entre a origem do vosso e do meu mandato só poderia ser de salutareos efeitos para a administração publica, e temos já colhido os fructos que a harmonia nunca perturbada das nossas funcções vem proporcionando ao Estado de Santa Catharina, cujo desenvolvimento constante e futuro promissor me despertam os mesmos enthusiasmos da mocidade.

Depositario effectivo da Suprema Magistratura do Estado, pela renuncia do nosso eminente patricio Sr. Dr. Lauro Müller, não preciso dizer-vos do meu programma de governo, pois que delle vos dei as linhas geraes na Mensagem do anno passado. Não fui um candidato com plataforma, nem poderia sel-o: não tracei um programma, nem poderia traçal-o, porque, sahindo a minha indicação das correntes populares, a minha plataforma, o meu programma, estavam já delineados pelas aspirações do povo. E o que tenho feito é auscultar a opinião publica, saber-lhe os desejos e os reclamos, satisfazendo-a no que é justo e viavel, orientando-a para o raciocinio e a verdade quando as suas ambições se tornam fantasias ou ultrapassam os limites das nossas forcas constructoras.

(Da Mensagem do sr. Governador do Estado)



A recente expulsão de dois perigosos maximalistas allemães que, em Blumenau, pregavam idéias terroristas e insuflavam o espirito de anarchia nos operarios ordeiros, veio demonstrar o perigo em que nos achamos deante da invasão, sempre crescente, de elementos tocados pela loucura eslava.

Pelos depoimentos de testemunhas ouvidas no inquerito policial, provado ficou que esses dois perniciosos bolshevistas, incitavam a destruição da usina electrica da cidade e o incendio de diversos estabelecimentos industriaes de Blumenau.

Deante destas cousas, ficamos a pensar si não haverá em nossas leis, um meio qualquer de impedir a entrada no paiz desses estrangeiros, que desejam salvar-nos sem a nossa vontade e fazer a nossa felicidade a dynamite e a violencia. E mais pensativos ficamos quando, do seio da Camara dos Deputados, um representante do povo brasileiro levanta-se em defesa desses indesejaveis, confundindo-os, indecorosamente, com operarios ordeiros e patriotas.

O sr. Mauricio de Lacerda, que se intitula campeão de boas causas, e foi eleito pelo voto dos trabalhadores ruraes da sua terra, não deve, não pode defender malfeitores estrangeiros vindos á sua e nossa patria—para implantar o regime da pilhagem e a dictadura do terror.

O irrequeto deputado fluminense conhece, certamente, as verdadeiras necessidades do povo brasileiro.

Sabe que, para a resolução dessas necessidades, não precisamos appellar para anarchistas estrangeiros, expulsos muitas vezes das suas patrias e que, si quisessem, encontrariam trabalho em qualquer parte do pais ou mesmo terras devolutas para cultivar.

No Brasil, felizmente, ainda não existe a chamada «questão social.» O trabalhador de hoje é quasi sempre o patrão de amanhã.

Não fica eternamente jungido ao seu pequeno salario nem ao seu rude mister.

Queira elle, e não faltarão industriaes que o protejam. Em peor condição está o funcionario publico, de quem se exige uma série enorme de conhecimentos e a quem nenhum legislador se lembrou de amparar, em

leis sobre accidentes. Soffrendo calado todas os precalços officiaes, não tem, como o operario, o supremo direito de fazer greve!

Si adocece, perde um terço dos seus vencimentos; quando se invalida no trabalho, não tendo uns quantos annos de serviços publicos, vae para casa, com a sua invalidez e dois vintens mensaes que mal lhe dão para o café e o padeiro!

E tem que supportar, mudo como uma pedra, o peso dos seus encargos, nas repartições e nas secretarias.

—«O»—

Dolorosa verdade

A Argentina foi até ha pouco uma excellente freguesa do nosso mercado de assucar. Mas, fazendo aqui uma grande parte do seu abastecimento, ella ficava a depender de nós, precisamente como nós dependemos do seu trigo,—o que não lhe convinha.

Restricções marcadas pelo governo brasileiro á exportação d'aquelle genero, em beneficio do nosso consumo interno, eram periodicamente golpes vibrados contra as suas necessidades, subordinadas á aquisição do producto alheio.

D'ahi o esforço que realisou para se libertar, de uma vez por todas, dessas repetidas contingencias.

Dizem agóra os telegrammas que, tendo desenvolvido a industria do assucar, de modo a se bastar a si mesmo, a nação vizinha conseguiu, já o mez passado, exportar para diversos paizes cerca de seiscentas mil saccas de sua producção.

Este facto devia ser conclamado em todo o Brasil, de norte a sul, no instante em que, por coincidencia, estamos a imprecar, a exorar e supplicar o trigo argentino.

A tal respeito dormimos.

São estes os contrastes que nos humilham.

—«O»—

O recenseamento não é apenas uma operação de exclusivo interesse publico, por isso que, além de interessar a todos os brasileiros, interessa tambem a cada um individualmente.

—«O»—

Assumiui interinamente a pasta da Fazenda o sr. José Boiteux, Secretario do Interior e Justiça.

—«O»—

Apurado o recenseamento, se todos os brasileiros houverem cumprido o seu dever de elementar patriotismo, estará o Brasil apto a avaliar as condições de seu progresso.

Os nossos limites com o Rio-Grande



Rio Mambituba e seus afluentes.

LEVANTAMENTO MILITAR

Carta Itineraria - 1911 - Major Vieira da Silva

Limite pretendido pelo Rio Grande do Sul - -

Limite sempre respeitado

Latitude da Barra 27° 15' S

Longitude 51° 25' W

Nunca houve entre Santa Catharina e Rio Grande do Sul uma questão de limites, quer no littoral, quer na Região Serrana.

No littoral o rio Mambituba-Gloria-Verde, nomes estes porque é conhecido o nosso ultimo rio ao sul, tem sido sempre considerado como limite, jamais tendo havido um protesto por parte do Rio Grande e jamais havido occupação por parte daquelle Estado. No littoral, portanto, não ha questão de limite senão depois que uma carta errada marcou o Sertão como rio principal.

Mas, o que vem a ser o Sertão? Um rio?

Quando era chefe da carta itineraria, trabalho topographico expedito que se fazia por conta do Grande Estado Maior do Exercicio, levantei as estradas marginaes do Mambituba, desde a foz, onde determinei a posição geographica, até as cabeceiras. Em alguns pontos, como da barra até ao Passo de Torres, levantei o proprio rio; de Curralinho até as cabeceiras fui sempre marginando-o até a barra do Sertão e transposto este

corixo, marginei de novo o Mambituba até além da barra do Molha, ponto em que deixando de ser normal ao Oceano, inflecte para o Sul, approximando-se cada vez mais da Serra Geral, donde tira suas origens nos Campos de Jozaphat, no Rio Grande do Sul.

Nesse levantamento, que me fora solicitado pelo benemerito e honradissimo Sr. Coronel Vidal Ramos, então Governador do Estado, pude constatar não ser o Sertão, (que a carta editada em Joinville dava como provindo da Serra Geral e rio principal), mais do que um furo do Mambituba ou corixo que sahe do rio suzerano na praia Grande, por sob seixos e blocos, formando itarare, e vai, depois de uma curva de grande raio desembocar no proprio Mambituba, cerca de uma legua abaixo da freguezia do Passo do Sertão, formando o Timbo Peba, terreno fertilissimo e ja muito povoado.

O furo referido recebe, não muito afastado da Praia Grande, um arroio de regulares dimensões, que vem das proximidades da Serra do Fachinal ou Molha Coco. E'

Historia Catharinense

Não posso ver defunto sem chorar...

Li, com grande interesse, o artigo da «Republica», de 24, subscripto pelo estudioso patricio sr. Crispim Mira, sob a epigraphe «Tres pontos de historia catharinense».

Não consegui, infelizmente, apreciar os artigos da «Razão», de S. Francisco, para, com mais desembaraço, dar a minha singela opinião sobre os controversos pontos historicos.

Posso, de antemão, declarar que estou de pleno accordo com o parecer do illustrado dr. Luiz Gualberto quanto á paternidade da denominação imposta á nossa bella terra.

Que o nome de *Santa Catharina*, ligado á terra carijó, foi dado pelo nauta veneziano Sebastião Caboto, prova-se sem grande esforço. — Senão vejamos.

1º—Em todos os mappas conhecidos da costa brasileira, desde o de Juan de la Cosa (1500) até o de Sebastião Caboto (1544), exclusivé, não se encontra a denominação *Santa Catharina* assignalando o minimo accidente do nosso littoral. Sómente depois do apparecimento da carta maritima de Caboto é que tal nome se tornou conhecido e radicou-se definitivamente.

2º—Pelos documentos até hoje vindos á luz (Vide o importante trabalho de Toribio Medina—«El veneziano Sebastião Caboto» 2 grossos volumes), sabe-se que tal denominação foi posta em fins de 1526, (provavelmente em Novembro) durante a estadia de Caboto entre nós e, ainda mais, que ella ao proprio nauta se deve, como testemunham seus companheiros de expedição.

O Capitão Gregorio Caro, em seu depoimento, diz: «...fueron al dicho rio ó pu-

o Dois Irmãos, rio que tomaram na carta editada em Joinville, como o principal, deixando que o Mambituba, já então sob o nome de Verde, viesse de cerca de 60 kilometros mais ao sul.

Santa Catharina não devia discutir esta questão de limites com o Rio Grande por que elle so appareceu agora, depois de uma posse mais que centenaria; não deve admittir essa discussão porque, a fazel-o, reconhece direitos ao Rio Grande, direito que o grande Estado não tem; não deve deixar-se lesar porque não se trata de um trecho insignificante, como muita gente julga, mas de uma extensão de cerca de 8 leguas quadradas de terras excellentes e já bem povoada por uma população que nunca duvidou ser catharinense. Temos em nosso favor a posse e todos os direitos nunca contestados sobre a

erto de los Patos, que despues pusieron nombre la isla de Santa Catalina».

Nicolau de Venecia depõe: «...a sondar entre la isla que el Capitan general (Caboto) puso (nombre) Santa Catalina».

Gaspar de Cazaña declara: «... que se llamaba la bahia de los Patos, á cual el dicho Sebastião Caboto puso nombre Santa Catalina».

O Guardiã da nau «Santa Maria del Espinar», diz: «...entre la isla grande, que el dicho Capitan (Caboto) habia puesto (nombre) Santa Catalina».

Na pergunta X do pleito de Catharina Vasques, se lê: «... que fueron sondar entre la isla grande que el Capitan general puso nombre Santa Catalina».

Finalmente, o proprio Caboto declara: «... este puerto de la Santa Catalina, que asi le puso nombre». Ainda na pergunta X do seu interrogatorio o confirma, dizendo que á ilha grande «puso nombre Santa Catalina».

Cabe, pois, claramente a Sebastião Caboto, nauta veneziano ao serviço espanhol, a paternidade da denominação—*Santa Catharina*, até hoje conservada. Os bons fundamentos do pesquisador insigne que foi Azevedo Marques, attribuindo a denominação Santa Catharina a Gonçalo Coelho, não procedem, pois é sabido que o citado nauta portuguez não alcançou as nossas plagas na sua viagem de exploração.

Penso não haver mais duvidas sobre este ponto.

LUCAS A. BOITEUX

Fpolis, 25—VII—920.

—«o»—

nossa jurisdição naquelle territorio.

Quanto aos limites de Lages ja o grande Mafra, no seu excellent livro, provou que o nosso é e tem sido desde 1783 o Pelotas, pela resolução da metropole.

Não acreditamos que o Rio Grande, cujo povo é o mais amavel e cavalheiroso do Brasil, pretenda locupletar-se com um insignificante pedaço de Santa Catharina, tanto mais que aquelle Estado, um dos mais progressistas, pouco caso tem ligado aos seus municipios do extremo nordeste, como Santo Antonio, Conceição e Torres. Para que lhe serviria, afinal, apoderar-se de um pequeno territorio que para quasi nada lhe serviria? Para nós o caso é outro: o terreno é nosso e não devemos por preço algum nos desfazeremos d'elle.

VIEIRA DA ROSA.

O REI ALBERTO VEM...

Entre em pouco o Brasil receberá, — não se si desvanecido ou contrafeito, — a visita de S. M. o rei Alberto I, sobrinho e successor de Leopoldo II, o argentario administrador da Associação internacional do Campê.

Grandes e pomposas medidas estão sendo tomadas para que o heróico e já lendário rei fique europeicamente surpreendido com as maravilhas do nosso progresso de mestiço, e, por isso, o dinheiro corre a rã. Numa época de aperto como esta, em que o povo é sempre quem paga o pato com as últimas moedas ou com o resto da sua história: pouca-vergonha, a visita de um monarca não será muito agradável. O diacho é que temos de lhe mostrar boa cara e affectar desafogo de vila. Ric-lhe e banquetê-lo, eis, em summa, a que se deverá fazer durante o tempo em que S. M. e todo o seu sequillo se demoram entre nós, e enquanto duas, tres ou quatro empresas cinematographicas, para tal contractadas, lozem apanhando os melhores sorrisos e as melhores atitudes de mesa, para os divulgar depois pelo mundo com o fim muito lucral de dar a conhecer a maneira como no Brazil se recebem monarchas, e a fartura com que se almossa no Corcovado.

O plano das festas não está fixado. Discute-se ainda. Dar á lingua é verdadeiramente o mais fiel característico da nossa nacionalidade. O inglês, p. ex., pensa calado; nós, ao contrário, mesmo nas mais caligantes alturas da philosophia, mesmo no emmaranhamento dos frios raciocinios da mathematica, mesmo a matutar num maio de nos evadirmos da prisão — pensamos falando, em voz alta, quando não em tom de discurso. O brasileiro e o peixe perdem-se pela bocca. E' de esperar, até, que o affavel e glorioso rei nos venha encontrar ainda a discutir sobre o modo mais digno de o irmos buscar a bordo...

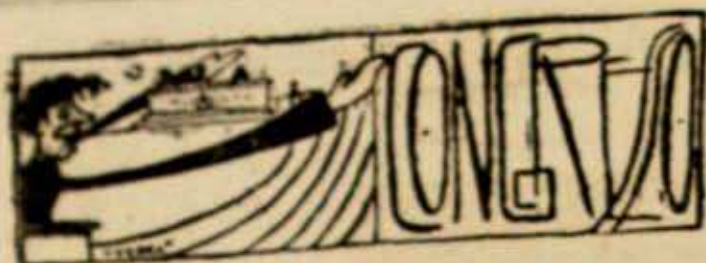
Houve, porém, quem já alvitrasse a ida do galeão *D. João VI* ao costado do dreadnought em que vem Alberto I, e que S. M., uma vez em terra, seja conduzido para o Catete no coche que foi do eponimo do galeão. Alguns republicanos puristas farejaram nessa ideia vislumbres monarchicos, e rosnaram, quer dizer, falaram. E a proposta foi rejeitada com toda a sua sequencia, que, parece, custaria os olhos da cara á Republica. Afinal, rios de ouro ha de custar qualquer projecto que venha a ser adoptado. O vicio da

ostentação levada e natural o regime republicano em o nosso país: por isso faremos o que pudermos e o que não pudermos. Quer dizer: depois de S. M. regressar á Europa, ficaremos mais encastrados do que já estamos. E' fatal. Fatal e tragico. Polbre que dá banquetes, ou está prestes a ter ingresso no hospicio, ou a ser trancafiado na cadeia...

O que está de antemão e solidamente asentado é que varias empresas cinematographicas se encarregarão, sob contracto, de exhiber os mais suggestivos aspectos das festas que ao rei dos belgas se fizerem, para os exhibir no estrangeiro, á guisa de reclamo e propaganda das nossas bellezas e riquezas — ou possibilidades, como diriam certos jornalistaes emphaticos e melindrosos que conhecemos. As objectivas dos tira-fitas hão de poicar defronte das estatuas e dos palácios, dos hotels e das boccas triumphais das avenidas, afim de só apanharem gente repleta e coisas sumptuosas. Excelente! Mas tudo isso será apenas uma pantomima insupportavelmente enganadora, a despeito do seu majestatico esplendor. Alberto I ha de ver do Brazil apenas o que elle tem de bom e que é pouco — sejamos francos! — comparado com o que poderia ter si tão largos decennios de frustradora politicagem lhe não houvessem jarretado o alor para o progresso. Mas elle não verá nem tampouco as fitas registrarão o espectáculo infernal do Nordeste em sêcca, os milhões de *ancylostomados* que deprecem por leguas e leguas da paralia zona brasilense, as extensões formidaveis e quase ignotas do sertão, onde o analphabetismo rebaixa o cabocio ao nivel dos felinos mais temiveis, e, sobretudo, a figura sacerdotal e vampirica do açougueiro cidadão que, de machil em punho, vai impondo a uma plebe que já perdeu o sentimento da reacção, uma carne hedionda — a 18300 o kilo, com ossos e pellantas, queiram ou não queiram!...

Esses aspectos do Brazil são miseraveis de mais para que logrem a honra de ser tirados num *film* onde apparecem a face resplandecente de um monarca heroificado e avenidas coalhadas de *melindrosas* e *almojadinhas*.

ALTINO FLORES



Ainda ha pouco tempo um jornal carioca commentou a falta de senso por que eram organizadas as commissões da Camara Federal, misturando-se os nomes ao sabor da cabala, sem se attender á competencia especial de cada um. Medicos eram jogados nas commissões de justiça, advogados na de hygiene, apedeutas na de instrucção...

Até no recinto respeitavel do Senado houve quem brigasse e dissesse nomes feios por não ter entrado na Commissão de Fazenda, mandando ás urtigas a de Justiça, que classificou de segunda ordem e indigna de um homem de destaque... E' escusado declarar que o brigão foi o sr. Irineu Machado.

No nosso Congresso, porém, não ha negar, a distribuição das commissões se fez, em geral, com cuidado, não se achando ninguém impossibilitado de exercer a contento sua tarefa. Apenas é de estranhar que o Congresso, possuindo um almirante, não o tivesse posto na commissão de navegação.

Até a propria commissão de Catechese tem os seus membros escolhidos a dedo. Os srs. Oscar Rosas, João Fernandes e Santos Marinho são de fazer lamber os beiços a uma tribu inteira de antropophagos...

Esteve doente no Rio, achando-se já restabelecido o sr. Alfredo da Luz, que brevemente regressará a esta Capital, afim de tomar posse de sua cadeira no Congresso.

A 2ª commissão do Congresso ficou constituída dos srs. Marcos Konder, como re-

O «Ponto Chic» vai ter uma enchente, com certeza, com a fita «Tentação», que não agradára muito á policia pelo «sans dessous» de algumas figuras. E' fruto prohibido á consciencia... Dahi, a tentação de muita gente para vê-la. Foi assim que Adão e Eva peccaram: se o Creador não houvesse declarado defesa a arvore do mal, talvez que aos nossos venerandos paes tivesse ella passado despercebida...

Frequentemente devem os brasileiros recordar que a 1ª de Setembro proximo es-

lador, Fulvio Aducci, Caetano Costa, Carlos Wendhausen e João Pinho.

O sr. Antonio Pedro Müller não comparecerá este anno, segundo communicou á Mesa., devido o seu estado de saúde.

SEXTA-FEIRA

Escolha das commissões.

O sr. Rupp Junior protesta sobre o modo por que foi insinuada a formação das commissões. O sr. Marcos Konder, na qualidade de *leader* da casa, contesta o sr. Rupp Junior dizendo que os srs. deputados, como homens cultos e independentes, agem sem necessitados de insinuações, nem jamais ninguém pretendeu impôr á casa ideias pessoas. E' bem verdade, que, como é de praxe, antes da reunião, ficou entendida a votação de alguns nomes. Isso, porém, não constituia de modo nenhum uma limitação á liberdade de cada um, é apenas um meio de encaminhar os trabalhos, sem confusão. Ninguém, entretanto, está obrigado a aceitar aquelle criterio.

SABBADO

Reunião de commissões.

Requerimentos, pedidos e mais nada.

SEGUNDA-FEIRA

Sessão de luto.

O sr. Edmundo Luz Pinto fez o necrologio de Adolpho Dutra, o sr. Abelardo Luz, de Benjamin Vieira e o sr. Caetano Costa, de Delphim Moreira.

A sessão foi suspensa a requerimento deste deputado.

TERÇA-FEIRA

O sr. João de Oliveira fala sobre o caso de Tijuca, explica a attitudo do Governo do Estado e condemna a acção do Superintendente daquelle cidade, a respeito das escolas municipaes.

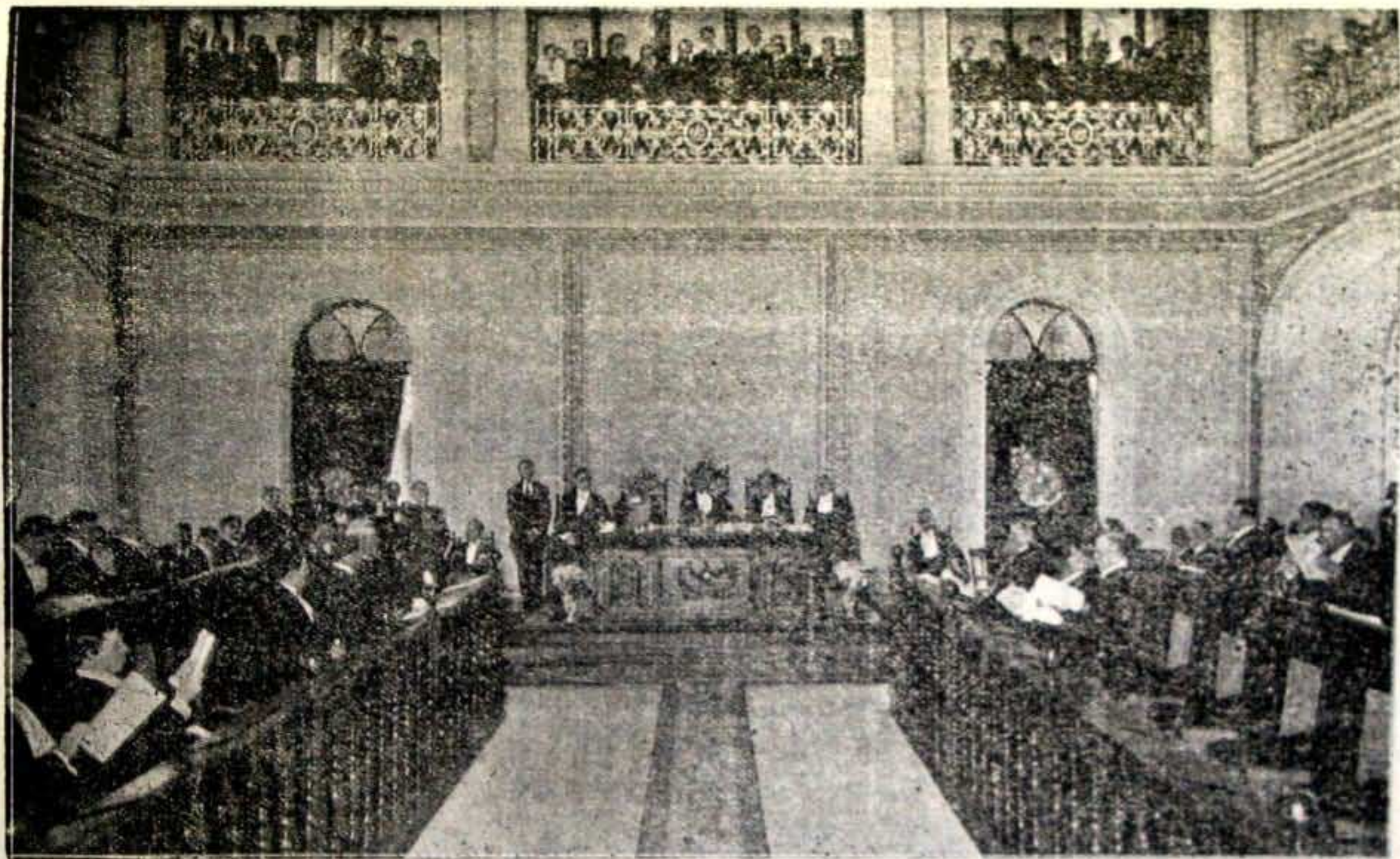
Discurso vehemente, como sabe dizelo com calor e eloquencia o sr. João de Oliveira.

crupulo seu dever de patriotismo, preen-
chendo as listas censitarias.

Sta. Catharina—Rio Grande

Sabemos que o sr. governador do Estado está encaminhando o caso dos nossos limites com o Rio Grande, afim de lhe dar, em breve, uma solução satisfactoria.

S. Ex. que tem um ponto de vista patriotico, na apreciação dos interesses em jogo, prestará assim não só ao Estado, como a todo o paiz, um serviço de valor, concorrendo para a sua unidade nacional.



A Mensagem que o sr. governador do Estado leu quinta-feira passada perante o Congresso revela a acção forte do político e, sobretudo, a construção segura do administrador.

O sr. Hercílio Luz tem uma virtude muito rara nos tempos que correm: fazer da palavra um veículo da sinceridade, quando o uso é empregada-la como uma cortina vistosa a esconder o pensamento.

S. Ex. falou com clareza e verdade e não ha um só facto relatado em sua mensagem que se não possa provar immediatamente, sem esforço. Através de todo o texto, desenha-se o trabalho notavel realizado pelo governo do Estado, durante o estreito espaço de um anno. Documento, por si só, capaz de tornar benemerita uma administração inteira.

A exposição da Mensagem diz, sobretudo, o caracter de quem a fez: energia, descortino e civismo. E, principalmente, este, que é de todas as qualidades de homem de Estado, a que torna inconfundivel o sr. Hercílio Luz em sua vida publica.

OLHANDO O PROXIMO

A's vezes, quando contemplo o luxo e a opulencia, o meu espirito, fugindo ás seducções do ambiente, subito se recolhe em mim mesmo, num mixto de pavor e de tristeza.

Ouçõ gemidos de antigas queixas.
Passam deante de mim todos os quadros da miseria humana...

Meu Deus! Deus meu! porque me recordaes em meio a festa a dôr, em plena alegria a desgraça? Que visãõ será essa de minguas na occasião da fartura? de pesar quando todos estãõ no gozo? Que lembrança essa de lagrimas, por entre a floração de tantos risos?

E a consciencia, inspirada pelo mesmo Deus, me responde:

—Tem pena dos teus irmãos!

O teu leito é macio e bom; duro é o conchego delles. A tua mesa é escolhida e farta; felizes são elles quando comem. Teu

descanço é renumerado; mal pago é o trabalho delles.

Deus do Amor, Deus da Caridade, Deus da Justiça, baixai sobre todos os homens as emoções crueis que eu tive.

Dai que as sintam governos e instituições conservadoras, para que se venham realizar, dentro da lei e na esphera do proprio Estado, as modificações necessarias, as reparações imprecendiveis, que evitarão a reacção violenta, capaz de inaugurar a tyrannia de todas as tyrannias — a dos escravos contra os antigos senhores, o desvairado dominio dos que não poderiam esquecer nem perdoar a conquista dos direitos pelo sangue!

Edmundo da Luz Pinto

(De um discurso em 1918)

O que disseram de nós

Excederam a toda a gentileza as noticias que os nossos collegas o «Estado» e a «Republica» deram a nosso respeito:

— «O» —

(Da «Republica»)

Na sua nova phase, appareceu hontem, á estampa, a magnifica revista semanal «Terra», dirigida pelos nossos talentosos collegas srs. drs. Ivo de Aquino e Othon d'Eça e Altino Flores.

O presente numero do apreciado periodico é uma brilhante demonstração da intellectualidade catharinense.

Tra'a'hada com muito esmero e carinho, quer na parte material, quer na parte intellectual, a «Terra» com os seus bem elaborados artigos, com as interessantes notas politicas, com as suas leves «charges» e caricaturas, faz honra ao bom nome «barriga verde».

Na sua primeira pagina, estampa o cliché do Exmo. Sr. Dr. Hercilio Luz, illustre Governador do Estado, criteriosos commentarios em torno do seu nome, como um dos candidatos provaveis á vice-presidente da Republica.

Em todas as ródas, a «Terra» foi recebida com as mais vivas sympathias, o que equivale a affirmar o seu completo triumpho.

«Republica» felicita os seus illustres directores pelo brilhante exito dos seus esforços e deseja á excellente revista uma vida opulente e duraraira.

(D'O Estado)

Foi publicado hontem o 1º numero do excellente revista «TERRA», dirigida pelos intellectuaes conterraneos Ivo de Aquino, Altino Flores e Othon d'Eça.

Como haviamos previsto, o numero em que a «TERRA» iniciou a sua publicação semanal, teve a mais generosa acolhida, o que representa um verdadeiro triumpho para a excellente revista.

— «O» —

Codigo do bom tom.

A uma pessoa a quem se é apresentado, não se deve pedir na mesma occasião dinheiro emprestado.

Embora se esteja com o pé doente, não se deve ir a uma recepção de cerimonia calçando chinello.

Mesmo jantando em casa de uma pessoa intima, é muito feio a gente assoar-se no guardanapo.

Quando se visita uma casa, na qual não se tem intimidade, é pouco delicado ir á cozinha para espiar o que ha nas panellas.



Dentre os diversos representantes da nova geração de artistas e cientistas catharineses, com grande brilho se destaca Antonio Mancio da Costa, que é, sem favor, pela louvabilíssima constancia no estudo, um dos seus mais valiosos ornamentos.

Vindo de um grupo que tanto promettia e que, por desgraça, tão desconsoladamente falliu (deixando apenas escapar mais dois ou tres que, todavia, não alteiam a cabeça acima do nível da vulgaridade), Mancio da Costa não ficou acorrentado á theoria da arte pela arte, mas, levado pela sua natureza de investigador, foi mais além, penetrou de peito fêto no territorio da sciencia e ainda hoje o trilha ousado. Isso, porém, sem desprezar de todo a cultura delicada das flôres literarias. Muito ao contrário. E tão exacto é o que digo, que elle, para externar graphicamente as emoções e raciocinios, provou a sua affeição ás letras de um modo magistral: estudando com desenvolvimento, criterio e segurança, todas as subtilidades e flexibilidades da portuguesa lingua. Não andou como muitos escrevinhadeiros que o que querem é graphorrear livros ás medas, empolgados infantilmente pela balofa illusão de que o maior escriptor é aquelle que, ao sair deste «valle de lagrimas», deixa uma obra capaz de só por si atulhar uma bibliotheca...

Para êsses, a correccão da linguagem e o trabalho artistico do estúio são coisas de so-menos importancia, nugas futilíssimas em que só se absorvem jagodes e lunaticos.

Felizmente não pensa desse jeito o distincto lente de sciencias physicas e naturais da Escola Normal.

Para as páginas fugaces do jornalismo indigena pouco tem contribuido a sua penna, que, nestes ultimos tempos, se vem occupando com um curioso e profundo estudo sôbre a Chimica dos Lusiadas. Sôbre a indumentaria, a flora, a fauna, a geographia, a astrono-

mia, etc, do immortal poema, «pedra angular» da Literatura da nossa lingua, já temos alguns volumes, todos elles saturados da mais forte erudição. A monographia cuidada e documentada que Mancio da Costa está escrevendo, ha de, com garbo e glória, formar ao lado das outras, que tiveram assumpto nas oitavas camonianas.

O poema do epico portugês é, ainda hoje, como na Italia a Divina Comedia, uma fonte rica aonde grandes intelligencias vão buscar os mais variados themes para as suas cogitações, — e ninguem pôde garantir que leia e explique todas as suas estrophes, como tambem todos os tercetos do poema dantesco, sem encontrar o menor embaraço. E' impossivel. Quando a difficuldade não fôr de ordem grammatical ou syntactica, será, então, historica, ou geographica, ou astronomica, ou botanica, ou zoologica, ou indumentaria, etc. E quantas dúvidas dessas não se encontram nos 8.816 ~~hex~~decassyllabos da immortal epopea lusitana?

Tres eram os corpos simples conhecidos pelos antigos: o ar, o fogo e a água...

Hoje conhecemos dezenas e é possivel que, dentro do insondavel bôjo do futuro, ainda vamos descobrir mais outros. A quantos allude Camões no seu poema, real e metaphoricamente? Qual é, nos seus versos, a linguagem, a tecnologia, a nomenclatura chimica, que só foi scientificamente estabelecida seculos depois, por Guyton de Morveau e Lavoisier, em 1787, numa Memoria á Academia Real das Sciencias?

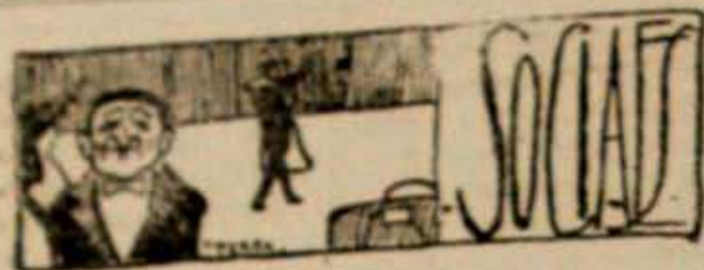
Essas interrogações terão, com certeza, resposta, e resposta cabal, no estudo de Mancio da Costa. O autor é uma intelligencia culta e grande conhecedor da lingua.

Tudo, pois, leva a concluir que a sua obra grangeará duradoira consagração.

«Men ought not to be estimated by their size or stature...»

A flores

O clero brasileiro tem merecido os louvores de todos os bons cidadãos pelo empenho com que vêm prégando em todo o Brasil a necessidade de serem preenchidas as listas do proximo recenseamento.



Os dias

O Tubarão...

Meu rio, estarás dormindo? Pareces morto, e, vendo-te sob o crivo dos aguaceiros, tive, por vezes, a impressão de que via lavar uma lapide funeral, de onyx, sem epitaphio, expressiva contudo, como o são todas as grandezas anonymas.

Tubarão...

Do alto do morro chamado da Capella, belveder de um panorama de desafiar semelhantes, a vista do espectador se embebe á esquerda, numa centena de casinhas que a Matriz culmina; á direita, na vargem, que o rio corta ao geito de um entreseio nas pomas fecundas da terra tumida, irregando uma chan com grandes planos pardejados, verdes ou fufvos conforme seja epoca de plantio, capinação ou colheita.

Plantio de que?

De milho, grão oirejante, valendo oiro e de oiro tendo a cor; e o pendão capiloso á moda de cavalleiro medieval redivivo, num levantar-se do solo sob o mais lindo pennacho de galan...

Quando tenro e pequenino, o milhal, mal comparando, é um campo de açucenas estranhamente verdes e a desabrochar do puro chão, sem hastil, cahidos os calices esguios. A passarinhada cisca e regira por ali, confundindo-se nas folhinhas novas, assobiando solerte, numa fartura de cibo, que é um gosto vê-la que come e ouvi-la que canta!

Quanta saudade me inspiras, ó terra em que nasci, Chanaan do sueste brasileiro, Terra Promettida de um futuro, decerto remoto, mas indubitavelmente prosperrimo e consolador!

Que administrações intelligentes te saibam explorar a uberidade, a riqueza e a força!

Que a tua politica seja de acção e exemplo, de modo que o teu povo se eduque nos feitos de chefes benemeritos pelo seu trabalho, capazes pela sua cultura, dignos de confiança dos cargos publicos pela fé que mereceram dos teus filhos, pelas suas intenções e pela sua probidade!

Como eu te queria ver, ó boa terra, educada, forte, a vingar, a medir, a lograr quan-

to poder e a desfrutar as regalias do progresso geral de Santa Catharina moderna!

BARREIROS FILHO

Anniversarios

DIA 30.

SENHORAS: Maria Rufina L. Coelho Pinto, Rosa A'lexandrina Dutra, Lydia Tenorio V. brega.

DIA 31.

SENHORITAS: Dorcelina Aurelia de Silva, Jurema Brasil e as meninas Aurelina de Oliveira e Adelaide Guimarães.

SENHORES: Cap. Victor F. Lapagesse, Lino Soncini, Lindolpho José de Souza, José Mauricio dos Santos, Euclides Fontoura.

DIA 1 de Agosto

SENHORAS: Lucy C. Wendhausen, Eugenia Camara Souza, Orlandina Gonçalves Naccetti.

SENHORITAS: Laura L. Luz, Luciola Silva e a menina Dalna Lessa.

SENHORES: Heitor Moellmann, Antonio L. Mesquita, José Dobler e o menino João de Mello, Dr. Fausto de Souza, Dr. Felipe Pedreira, Tte Cel. Gustavo Schmidt.

DIA 2.

SENHORAS: Lydia E. Oliveira Silveira, Francisca S. de Azevedo, Maria A. Livramento, Abreu e Zizinha Abreu.

SENHORES: Olympio dos Anjos Coelho Pinto, Affonso L. Assis, Agapito Iconomos Agapito, João A. do Prado, Alcebiades Cabral Cardoso, o joven Nestor Passos Junior e o menino Neleino d'Aquino, Dr. Henrique Richard.

DIA 3.

SENHORAS: Lydia B. da Silva, e a menina Renilda Cunha.

SENHORES: Othon d'Eça, Bento R. de Oliveira e Henrique E. Nunes.

DIA 4.

SENHORAS: Rosa Candida Cunha, Dolores Constancia Lobo e Anna Maria Vian.

SENHORITAS: Elvira Fernandes e Henriqueta Diolincha da Silva.

SENHORES: Francisco P. da Silva Medeiros, Enéas Domingos Cardoso e Epaminondas de Oliveira.

DIA 5.

SENHORAS: Etelvina Duarte Pires Gomes, Anna Martins das Neves, Elsa Giono.

SENHORITAS: Julia Cabral Izolina Todocate, Maria Maia Luz, Irah Pires.

SENHORES: Ivo d'Aquino, João Francisco da Rosa, João Pereira da Costa Stuart, João Manoel de Souza, Manoel de Jesus Pires e Pedro Nunes Duarte.

As sultanas e a paz

O «Estado» de sabbado publicou um telegramma do Rio, que communica que a Turquia se resolveu a assignar o tratado de paz, depois de a casa imperial ter reunido o conselho de familia, composto de todas as sultanas. E segundo corre por ahi são ellas mais de duas mil. Imaginem a balburdia que lá não foi, com todo aquelle mulhero a bater lingua, e lingua turca, está visto.

O sultão vai mal assim, estabelecendo a praxe de decidirem as sultanas dos destinos da nação. E' feminismo perigoso, principalmente por lá, onde cada homem carrega às costas umas poucas mulheres. E se as sultanas já começam a mandar nos destinos do pais, não tardará muito que mandem na vida domestica do sultão. E ahi é que elle vai ver o que é dançar na corda bamba, principalmente se, copiando a moda occidental, estabelecerem o regime da sogra. E duas mil mulheres são duas mil sogras!

Embarcou para o Rio o sr. contra-almirante Frederico Secco, que foi acompanhado de suas filhas Melles. Olga, Clara e Alice Cruz Secco.

Carnaval para o rei Alberto

Para a chegada do rei Alberto, no Rio, será feito um carnaval.

Esta faz lembrar a do coronel que, quando lhe iam hospedes illustres ao municipio de que era superintendente, organizava em homenagem ao visitante uma festa de Semana Santa.

O nosso consul em Capetown, num relatório ao sr. Ministro do Exterior, rejubilou-se com as vantagens que o Brasil terá no fomentar a sua exportação de café para a Africa.

Entre outras causas de puro sabor burocratico, o atilado funcionario d'uso externo, diz que a nossa afamada rubiacea entrará nos salões africanos com a mesma elegancia do chá.

Estamos a ver, d'aqui a tempos, S. M. Caruá XXXIII, poderoso monarcha zulú, offerecendo á sua reluzente côrte, em authenticos craneos europêus e servido por delicadas mãos de ébano, um *five-o-clock-café!*

E com esta grande conquista economica, luziremos melhor nos festejos do II Centenario, no anno da graça de 2022.



— Eu fui aviador. Engordei demais e abandonei a vida. Hoje sou proprietario de um circo de cavallinhos, no Rio. Vim aqui a ver si consigo do governo do seu Estado uma subvençãozita... pouco... muito pouco! Apenas oitenta e cinco passagens de primeira classe, na *Costeira*; trinta contos de auxilio á montagem do circo e nove centos por noite para os pobres artistas... todos chefes de familia e extremamente necessitados...

— E para o Senhor?

— Ah! meu amigo! Eu não quero nada... eu não desejo nada...

OS TERRIVEIS...

Elles são e fazem assim:

Entram; curvam-se geitosamente em tregeitos amacacados; derretem-se em sorrisos e amabilidades; depois, o primeiro — o mais alto e que demonstra mais sagacidade toma a palavra:

«Nós somos os redactores d'O CAVADOR», revista que em Conchinchina obteve exito triumphante... andamos agora em sua propaganda, angariando annuncios, assignaturas emfim... fazendo negocios... o sr. comprehende.

— Comprehendo, sim sr.

— Vimos até cá trazidos pela fama que gosa a sua casa; depois o Estado está passando por uma phase de intenso progresso e o commercio deve por isso mesmo aproveitar o ensejo... o sr. comprehende.

— Comprehendo, pois não.

— A propaganda, meu caro sr. é a alma de todo o negocio; os Estados Unidos, são, por isso mesmo o centro do commercio mundial e nós, no CAVADOR, só fazemos annuncios á americana... o sr. comprehende.

— Perfeitamente.

— Além do annuncio costumamos publicar alguns clichés, e mais ainda um artigo substancioso, que seja por si uma propaganda intelligente, digamos assim á guisa de biographia dos chefes da casa... o sr. entende.

— Sim sr. E quanto custa o annuncio?

— Meu caro sr., o meu collega esqueceu a assignatura; mas está comprehendido que o sr. a tomará, não é assim?

— Não há duvida.

— Tudo isso custa pouco, uma ninharia, meu caro sr.; em primeiro lugar nós queremos que o sr. saiba que não somos chantagista; há pouco lemos na CAÇA-NIKEIS um artigo referente á sua casa, que aliás está muito mal feito, elles são assim.

Mas quanto ao preço, dizia eu que é uma ninharia; o annuncio custa 500\$000, annualmente, o artigo de propaganda, bem elogioso, original, esse custa o que o sr. quiser dar... os grandes commerciantes como o sr., costumam pagar 500\$000... e a assignatura, tambem annual, somente 30\$000; o sr. ha de convir que as despesas são grandes; sellos, papel carissimo, coisas do jornalismo e da epoca, não é assim?

— Realmente tudo está caro...

— Está um horror; e grande é a nossa coragem em nos metter a fazer revistas... mas sempre temos encontrado o amparo de homens como o sr., que nos dão forças e esperanças para que seja victoriosa a nossa marcha...

— Muito obrigado...

Depois de um minuto de silencio, os aguias estão conversando francez com o Calxa...

E sabem que é aqui, falar francez? Nada menos que receber 1.030\$000, total da cavação; e como entraram, sahem, todos risinhos, todos gentilezas, cortêsias, amabilidades, elles, os terriveis...

E vão direitinhos pregar o mesmo sermão noutra freguesia...

—(0)—

○ QUE SE PENSA

— E —

○ QUE SE FALA



Tão longe ainda a eleição para deputados federais! Mas os commentarios já fervilham aqui e ali, nas mesas dos cafés e na pharmacia do Christovam.

Ah! a pharmacia do Christovam! Mantem sempre a velha tradição, é o ninho onde se chocam e vêm á luz as boas novidades, fresquinhas e saborosas.

Falava-se ali dos novos deputados.

— E o Celso? indaga alguém.

— Aqui, na Ilha, difficilmente...

Foi impossivel ouvir o resto. Um freguez que entrava a pedir um remedio abafou o resto da phrase.

Que queria dizer, difficilmente será derrotado ou difficilmente vencerá?

Estante do vernaculo

2º) COLLOCAÇÃO QUANTO AOS TEMPOS COMPOSTO

Geralmente o verbo é composto, ou:

- por um auxiliar mais um infinitivo
- por um auxiliar mais um particípio passado
- por um auxiliar mais um particípio presente.

1) Quando o verbo é composto por um auxiliar mais um infinitivo, há *tres* possibilidades de collocar o pronome:

- quero ver-te (depois do infinitivo)
- quero-te ver (depois do auxiliar)
- eu te quero ver (antes do auxiliar)

Havendo, porém, particula de attracção, só restam duas possibilidades, que são as seguintes:

- não quero ver-te (depois do infinitivo)
- não te quero ver (antes do auxiliar)

Nota. A respeito *destas* regras, *modus in rebus...* Só pelo estudo comparado do que aqui vai, com os modelos camillianos, camonianos e demais evangelhos do idioma, é que se logrará segurança no collocar os pronomes.

2) Quando o verbo é composto por um auxiliar mais um particípio passado, há *duas* possibilidades de collocar o pronome:

- tenho-te visto (depois do auxiliar)
- eu te tenho visto (antes do auxiliar)

3) Quando o verbo é composto por um auxiliar mais um particípio presente, há *duas* possibilidades de collocação, que são as mesmas do caso anterior, a saber, antes e depois do auxiliar:

- estou-me penteando
- eu me estou penteando

Nota. A variação pronominal não deve ficar solta entre os verbos de um tempo composto: o hyphen, sugere a prosodia dos enclíticos, dos atonos, que deve ser menos forte do que a do *commun* das palavras.

Exemplos de topologia pronominal:

«O Methodo Portuguez não se contentou de ser claro»

(Castilho)

«Não se cansou de encommendar», «não se occultou ao viandante»

(Latino Coelho)

«Eu não vos quero dar conselho», «não te quero ouvir fallar»

(Garrett)

«Que me importava a mim?», «... que lhe deve o paiz então?»

(Rui Barbosa)

«Quem o ordena?», «... quem te incumbiu?», «quem te deu o direito?»

(Herculano)

«... igreja, cujas portas se lhe abriam», «... com quem me communico»

(Bernardes)

«Pobreza é lixo ahi se identificam», «... por onde as encontre»

(Machado de Assis)

«Muito lhe valeu isto», «... quanto lhe davam por ter cuidado»

(Camillo)

«Quasi lhe acenavam que as seguisse», «... mais se attribuem ás coisas»

(Bernardes)

«Talvez os modestos me arguam»

(Machado de Assis)

«Acaso me não ouviste?»

(Luiz de Souza)

(*Apud Cand. de Figueiredo*).

B. F.

—o—

Corrigindo: Na «Estante do vernaculo» do numero passado, na nota ao n.º II da collocação quanto aos tempos simples, deve-se ler: *os pronomes e adjectivos indefinidos e pronomes demonstrativos*, em lugar de pronomes e adjectivos indefinidos, como estava publicado sómente.

Pelo Foro

Reuniu-se segunda-feira o Jury Federal que julgou Albino de Moraes, Firmino Maia, Domingos Thomaz de Souza, Emilio Ribeiro, Thomaz Teixeira, Cypriano Damasceno, Francisco Alves Rocha e Honorio Sampaio, accusados de incendio e saque na villa de Curitybanos, em Setembro de 1914.

Foi advogado dos réus o sr. Hollanda Calvacanti, que conseguira a absolvição dos seus constituintes.

Seguiram segunda-feira para o Rio os srs. Adolpho Konder, Secretario da Fazenda, e Celso Bayma, deputado federal.

O embarque foi feito no Trapiche Municipal, comparecendo o sr. governador do Estado e sua casa civil e militar.

—o—

O sr. João de Deus Faustino, delegado auxiliar, assumiu, no impedimento do sr. Abelardo Luz, a chefia da policia do Estado.

—o—



Com regular assistencia realizou-se domingo passado no campo do «C. N. Francisco Martinelli», o encontro dos 1.^{os} e 2.^{os} teams do «Gymnasio» e «Riachuelo», para a disputa da Taça Lauro Linhares.

A's tres horas deu inicio o jogo dos 2.^{os} teams que jogaram, embora mal treinados, regularmente, sahindo victorioso o team do C. N. Riachuelo pelo score de 2X0.

O jogo dos 1.^{os} teams começou ás quinze horas, debaixo das ordens do sr. Rubens Serra Martins, do Club Nautico Martinelli.

Os teams estavam assim organizados:

RIACHUELO
Monge
Guino Loureiro
Daniel—Stamm—Lio
Celso-Octaviano-Aparicio - Joaquim - Elesbão

GYMNASIO
Octavio
Maximo Udo
Beduschi—Gelasio—Sylvio
Oswaldo - Lorival - Americo Rubens - Canduro

Como todos esperavam uma *revanche* por parte do Gymnasio (haja visto o que dizia a rapaziada do externato) o team do Riachuelo desta vez foi mais treinado para o campo a fim de receber com bom agrado o promettido ha muitos dias.

O Gymnasio com aquella furia de sempre carrega forte sobre a cidadella á guarda de Monge que, com bellas e difficéis tiradas resiste ás *balas* perigosas da deanteira gymnasiana. A defesa riachuelina desdobra-se e com um *shoot* rasteiro Loureiro envia á linha de *forwards* do seu team, que, com passes admiraveis, consegue driblar os backs gymnasianos, marcando Pirusca o primeiro ponto para o seu team, debaixo de vivas e palmas.

Posta a bola no centro o Gymnasio investe corajosamente, com aquella bella combinação que todos nós admiramos, contra o goal de Monge e depois de extraordinarias tiradas a cidadella riachuelina é vasada por Canduro, tambem debaixo de vivas e palmas.

O jogo depois desses feitos tornou-se frio e insipido. Havia jogadores que pareciam morrer de... prego.

Faltando poucos minutos para terminar o 1.^o tempo, Stamm, numa escapada, conse-

gue levar a bola para o campo do adversario e num bello passe para a esquerda, a linha avança e Elesbão bem collocado *shoota* conseguindo marcar o segundo ponto para o Riachuelo.

Poucos minutos depois o juiz apita, annunciando o final do 1.^o tempo.

Depois do descanso regulamentar deu começo o 2.^o tempo do jogo.—O Gymnasio, procurando tirar a differença de goal, com investidas furiosas forma um bolo na porta do goal riachuelino, perigando assim a cidadella de Monje,—a alma do team do Riachuelo,—o goal é vasado por Canduro depois de forte resistencia.

Houve protestos de parte da assistencia sobre esse goal. E debaixo das discussões o jogo recomeça forte contra o goal do Gymnasio.

Observa-se bem o desanimo do team Gymnasiano caindo toda a sua linha de *forwards* na defesa, para ver se a *peleja* não passava dum empate. Aproveitando o Riachuelo o desanimo dos adversarios, forma um verdadeiro bate bola á porta do goal da rapaziada do Gymnasio, tornando-se o jogo interessante. N'uma investida rapida Elesbão recebendo a bola de Celso, leva-a até os backs e dahi a envia ao goal, marcando o ultimo feito da tarde de domingo passado.

Terminou o jogo com a victoria do team riachuelino com a victoria de 3 x 2.

O sr. Serra Martins actuou a contento de todos.



Valientes e bordoudas

De bordo de um dos navios ancorados domingo neste porto, desembarcou um grupo de marinheiros, amigos da cerveja e da pandega.

Depois de um passeio de automovel pela cidade, resolveram fazer pressão na Confetaria do Chiquinho e no fim de tudo, para encerrar condignamente a pandega, virar em frege a sala.

A policia não concordou com a festa e deu voz de prisão ao grupo, que se espalhou.

Entrou em scena a cavallaria, que recolheu os valientes á cadeia, depois de lhes applicar uma salutar sarabanda de espada.

AVENTURAS POLICIAES

de Mr. Philip Sturm

por

Jack Patrick

(Traducção especial
para a **TERRA**)

O Idolo Indú (2)

Continuação

característicos no cadastro geral das criadas, registro feito pouco antes de servir a Abraham Thady. Não consta que tivesse estado em outra casa.

—Não é preciso mais, exclamou Sturm, vamos até o local, que é o mais pratico. E passou ao quarto contiguo, donde meio minuto depois sahia já de chapéo, segurando na mão uma bengala grossa de canna da India.

Ambos desceram rapidamente a escada e na primeira esquina White chamou um auto e mandou tocar para Ribbon-Street. Durante o trajecto Sturm não alludiu ao facto, conversando sobre diversos assumptos de theatro, especialmente comedias, que eram o seu fraco. E Sturm era alegre e não gostava de falar em policia, senão comsigo mesmo, em monologo, combinando de si para si os planos de acção, que evitava comunicar a quem quer que fosse.

A policia era, entretanto, o seu meio de vida, embora com o caracter de amator. Mas não queria que o soubessem, fazia-se passar por remediado e fingia trabalhar por desporto. Seus serviços, contudo, eram a tudo solicitados pela policia official, na qual tinha boas amizades.

O auto parou justamente quando Sturm iniciava a narração do enredo de uma nova comedia representada na vespera por uma companhia franceza.

—Chegamos, interrompeu White.

Sturm esqueceu-se logo do theatro, e foi com vivacidade que penetrou no jardim da casa, de apparencia modesta, cercado na frente por uma grade de ferro e nos lados e fundos por muros altos e sujos.

A parte direita do prédio dava para uma rua transversal, pouco habitada relativa-

mente. A entrada era á esquerda, sendo o prédio rodeado por uma calçada da largura de um metro mais ou menos. Junto ao muro, á direita, alguns canteiros abandonados.

Quando os dois entraram, achava-se só um policeman de guarda ao edificio. O chefe de policia e James Bridgeman, detective official encarregado do caso, ainda não haviam apparecido áquella hora.

Sturm penetrou logo no dormitorio do assassinado que jazia na mesma posição, a cama vermelha de sangue e o cadaver com os olhos esgazeados, numa expressão de espanto doloroso e horrivel. Abraham era um homem de cerca de sessenta annos, enrugado, typo caracteristico da raça judaica; com o nariz afilado, physionomia intelligente e perspicaz.

Nada no quarto havia sido tocado por ordem da policia, que esperava a visita de Philippe Sturm para o exame do local.

O detective dirigiu-se para junto da cama, passando-lhe um olhar de relance, curvou-se depois com a mão direita fechada até quasi tocar no pescoço do cadaver, que se achava deitado no extremo opposto da cama, perto da parede. O ferimento mereceu-lhe um exame especial.

Ajoelhou-se no tapete ao pé do leito, examinou-o cuidadosamente projectando-lhe a luz de uma pequena lanterna electrica e espiou depois demoradamente o assoalho, em diversos sentidos.

Retrocedeu do quarto até a porta de entrada, quase de rastos, sem perder de vista uma só pollegada do caminho que percorria.

—Não choveu na noite passada? perguntou elle, de repente, a White, que lhe acompanhava curioso os movimentos.

—Começou a chover depois da meia noite, respondeu este, e chuva forte, por signal.

Sturm resmungou qualquer coisa inintelligivel e ia proseguir em sua investigação,

quando se lembrou, de repente, de qualquer coisa.

—Ha alguma pessoa da casa visinha, por aqui? interrogou ao guarda.

—Não, mas pode-se chamar já. E' um instante.

Dahi a tres minutos entrou uma rapariga de cerca de 20' annos, espevitada, parecendo muito satisfeita por ter de prestar declarações.

—Conheceu o sr. Abraham Thady? inquiriu Sturm.

—Eu lhe digo, retrucou a interrogada, quando eu entrei para a casa do meu patrão, hade haver seis meses...

—Estou-lhe perguntando se conheceu Abraham, atalhou logo Sturm, não quero saber quando você foi para a casa do seu patrão.

—Ah sim senhor, conheci...

—Sabe a que horas costumava deitar-se?

—O sr. Abraham ficava acordado sempre até as onze horas, mais ou menos, parece que a ler, pela luz que se via da janella do seu gabinete.

—A que horas approximadamente apagou hontem a luz?

—A's horas do costume, pude observar porque ainda estava acordada, conversando no portão... o sr. comprehende...

—Viu hontem a empregada de mr. Abraham?

—Não, senhor. Parece que se deitara cedo.

—Pode ir, terminou Sturm.

E enquanto a rapariga se retirava um tanto desapontada por não ter dado á lingua, como quizera, Sturm tornou ao trabalho de observação, sem attender em mais ninguem.

Espiou no buraco da fechadura, aliás de feitura commum, observou-a depois com uma lente, fazendo reflectir sobre ella a luz da lanterna.

Com uma pequena pinça de metal, muito pequena, que guardava no bolso do collete, retirou qualquer coisa microscopica do interior da fechadura, botando-a na palma da mão e esfregando-a com o dedo.

Em seguida examinou o pavimento do varandão, com a mesma minucia, desceu os degraos da pequena escada de pedra, passou pela calçada de frente, dirigiu-se ao pateo cimentado até junto do muro, que dava para a rua.

Ahi demorou cerca de dez minutos, abaixando-se aqui, deitando-se acolá, sem se importar com a terra humida que lhe sujava a roupa e as mãos. Umhas plantas machucadas chamaram-lhe a attenção por alguns minu-

tos. Levantou-as, examinou a terra e pareceu-lhe ter encontrado uma solução difficil que lhe fez franzir a cara como se não tivesse comprehendido qualquer coisa.

De subito dirigiu-se para traz do jardim, como a procurar qualquer objecto, percorreu-o em todos os sentidos, e, ao cabo de pesquisas que lhe não pareciam satisfactorias, notou uma abertura no lado da casa, especie de porão, pequeno, que servia para depositar carvão.

Metteu-se por ali a dentro e voltou trazendo debaixo do braço um caixote de whiskey, sem tampa.

Collocou-o com cuidado no lugar onde as plantas estavam amassadas e a sua cara demonstrou a clara alegria de quem resolvera um problema obscuro.

Mudou-o, depois, de lugar e trepou em cima delle, fazendo força com o corpo para baixo.

Retirou-se e examinou a marca deixada no terreno.

—All righth, rosou, de si para si.

Foi depois ao pé de uma arvore, que deitava sobre o muro, observou o tronco demoradamente, depois a beira do muro e deu um salto achou-se na rua.

Tres minutos após achava-se junto do portão e, transpondo a grade, dirigiu-se outra vez para o interior da casa. Ahi, partiu para o quarto da criada, levando um bom tempo a observar a porta, vasculhar as gavetas e o pequeno guarda roupa tocado de Sarah. Por ultimo levantou a colcha e os travesseiros da cama, observou o que julgou necessario e, com uma derradeira inspecção e todos os cantos, sahuiu.

A secretaria do quarto de Abraham foi a ultima coisa a ser estudada. Papeis, gavetas, fechaduras, a tudo passou um olho demorado, não podendo esconder na physionomia um leve tom de satisfação.

Quando se voltou, encontrou no quarto um novo personagem, que o olhava ironicamente.

Era James Bridgeman, a quem Sturm retribuuiu o cumprimento.

—Muito bem, sr. Sturm, falou James pelo que vejo já está na pista da creada e mais do amante.

O chefe de policia, sabendo dos conhecimentos que o senhor tem entre os judeus de Nova-York, pensou que poderia, com vantagem, tomar informações da criada e capturar-la, para então por intermedio desta lançar a rede sobre a quadrilha, afinal. E' o auxilio seu nesse sentido, que precisamos. Penso que é inutil perder-se tempo em que-

(Continúa)

Indicador da «Terra»

Dr. Nereu Ramos

Advogado

Escritorio Praça 15 de Nov.
teleph.—106

Dr. Fulvio Aducci

ADVOGADO

Escritorio Praça 15 de Nov.
Telephone—7

Dr. Rupp Junior

Advogado

Escritorio Rua Esteves Junior
Teleph.—120

Dr. Hollanda Cavalcanti

Advogado

Esript. Conselheiro Mafra
Telephone—1

Dr. Gilberto Paranhos

Advogado

Esript. Praça 15 de Novembro

Dr. Victor Konder

Advogado

Blumenau

Dr. Cid Campos

Esript. R. Visc. de Ouro Preto
Teleph.—100

Dr. Ferreira Lima

Consultorio r. Marechal Guilher-
me — Teleph. 216

Dr. Adhemar Grijó

Consultorio
Rua Trajano n. 2
Teleph.

CHARUTOS
Costa, Ferreira & Penna
S. Felix—*Virgilio J. Garcia*
Agente e Depositario
Rua Jeronymo Coelho 2

PHARMACIA
Rauliveira
CONSELHEIRO MAFRA
Telephone—125

PHARMACIA
Popular
Praça 15 de Nov.

PHARMACIA
Sto. Agostinho
R. João Pinto

Automovel n. 21
Studebaker confortavel e
seguro — Viagens a Lages

A Internacional
São 10:000\$00 por 2\$500!
Elysió Simões—Rua João Pinto
Telephone n. 191

HOTEL HOLETZ

O melhor do Estado
Blumenau

Salão Sepitiba — —
Não compre perfumarias, roupa
branca e gravatas sem primeiro
visital-o-

Garofallis & Cia.
Commissões—Consignações
importação e exportação
CONTA PROPRIA
Rua Conselheiro Mafra — Tel. 76

Grande Refinação
de assucar e torrefação de
— café —
Lino Sencini R. Trajano Tel. 59

Casa Romanos
Os melhores artigos de inverno
Especialidades em seda
RUA CONS. MAFRA

Fabrica de tijolos de arear
e de construção — Felix
Marques Brandão — Frei
Caneca 94.

OPTICA OCULISTA

DR. CELERINO
OPTOMETRISTA

Com longa pratica em consultorios de oculistas notaveis
— de New-York, Paris e Barcelona —

Optico Scientifico diplomado

Especialista para corrigir todos os defeitos da
refracção dos olhos

HORAS DE CONSULTAS: das 9 as 5 no *Hotel Metropol*
FLORIANOPOLIS

Permanecerá nesta localidade 20 dias

N. B. o Dr. Celerino é proprietario e Director da Optica Americana
em Corityba, estabelecimento bem conhecido e acreditado
naquella capital.

Dr. Alfredo da Luz

— A D V O G A D O —

Escriptorio em

FLORIANOPOLIS e
BLUMENAU



Empresa Garcia

— «O» —

FIAÇÃO — TECELAGEM

FUNDIÇÃO

MARCENARIA

Blumenau

— S. Catharina —



Hering e Cia.

— Fiação e Tecelagem —

FABRICA

**de tecidos de
meia**

Blumenau

Sta. Catharina



***Gustavo Salinger
& Cia.***

— «O» —

IMPORTAÇÃO e EXPORTAÇÃO

— «O» —

Productos catharinenses

— «O» —

Artigos estrangeiros

— «O» —

BLUMENAU - S. Catharina

Eduardo Horn

SANTA CATHARINA — BRASIL

Matriz — Florianopolis

Caixas Postaes 39 e 40

Cods.: A B C 5^a Ed, Ribeiro (Two in one), Borges, Particulares.

End. Electr.: **Trigo**

COMMISSÕES e CONSIGNAÇÕES

Importação — vinhos, sal, farinha de trigo, phosphoros, azeites, xarque, louças, ferragens, assucar, sardinhas, soda caustica, canella, papel, etc. etc.

Exportação — farinha de mandioca, polvilho, tapioca, arroz, assucar, feijão, banha, café, frutas verdes, couros seccos, cera d'abelhas, crina animal, etc., etc.

«O»

AGENTES — Pereira Carneiro & C. Ltd. (Companhia Comercio e Navegação), Gomes Ribeiro & Bastos, Empresa de Navegação L. Carsoglio & C. — (Moinhos Santa Lucia, Bahia Blanca, Pahuajó, Santa Cruz) — Waltee & C. Material de toda especie para extincção de incendios — Machinas de desinfecção «Clayton».

Agentes em todas as principaes cidades do mundo

Camara & Mafra

Representações

RUA JOÃO PINTO, 6

End. electr.: «Gastaon»

Caixa Postal, 68

Florianopolis

LICORES da Antartica

Cerveja Antartica

Ginger-Ale — Club-Soda

AS MELHORES BEBIDAS NACIONAES

Representante para todo o

Estado

David Silva

Hoepcke, Irmão & Cia.

SANTA CATHARINA

Endereço telegr.:

HOEPCKE

Códigos

A B C 4 e 5 Ed. — Ribeiro
Watkins. — Carlowitz

Matriz: Florianopolis

Filial: São Francisco

Correspondentes em Lages e na Laguna.

Importadores de:

Fazendas e armarinho, Ferragens, Generos de estiva

SECÇÃO DE MACHINAS

Representantes de:

General Electric Company, Schenectady, N. Y.

Vaccum Oil Company, Rochester

The Studebaker Corporation of America

Companhia S K F do Brasil

Proprietarios:

da Fabrica de Pontas de Paris «*Rita Maria*»

da Fabrica de Rendas e Bordados «*Hoepcke*»

da Fabrica de Arame Farpado e de Grampos
para cerca

da Empresa Nacional de Navegação «*Hoepcke*»

do Estaleiro «*Arataca*»

da Fabrica de Gelo.